

► Revista Ecologia e Desenvolvimento - Edição 85 - Setembro/Outubro 2000

### **Empresa e Qualidade de Vida** **Ecoeficiência entra na moda**

Especialistas e empresas discutem o compromisso com o gerenciamento ambiental eficiente e socialmente responsável e refletem sobre desastres ecológicos

*Antônio Carlos Teixeira*



Um novo conceito ganha cada vez maior importância no meio empresarial e pode representar a garantia de que o homem será mesmo capaz de alcançar o desenvolvimento sustentável. Trata-se da idéia de ecoeficiência - um conjunto de procedimentos e preocupações capaz de extrair, de cada elemento da natureza, seu máximo, com um mínimo de gasto, para tanto adotando procedimentos gerenciais e de produção capazes de permitir tais resultados.

O assunto esteve em debate no seminário "Consciência e Meio Ambiente - A Gestão Ambiental pela Visão das Empresas", realizado em São Paulo, quando grandes empresas trocaram idéias e expuseram seus planos de aperfeiçoamento das práticas preservacionistas que adotam.

### **Desatenção e desastres**

Na opinião do consultor e especialista em Ecoeficiência, José Henrique R. Cortez, ainda há um longo caminho a percorrer, antes que se possa considerar que predomine, no universo da produção, um padrão confiável. "A maioria das empresas, assim como as pessoas, deixa de prever que algo possa dar errado" e por isso, ainda segundo ele, 90% dos acidentes ambientais decorrem de falhas humanas. O ser humano, avaliou Cortez, é o mais caro fator de gerenciamento de riscos. "Estar preparado para o pior pode significar aumento de custos, mas melhora a imagem da empresa."

O encontro, realizado pela Câmara de Cultura, contou com representantes da Petrobras, Eletronuclear, Ibama, do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), ambientalistas e consultores. O gerente-geral de Segurança, Meio Ambiente e Saúde da Petrobras, Rui Fonseca, anunciou que a empresa vai investir R\$1,8 bilhão até 2003 e que irá criar nove Centros de Resposta a Emergências em todo o país até o fim deste ano. A verba será utilizada para investimentos em supervisão automatizada de dutos de óleo, tratamento de efluentes, redução de resíduos e planos de contingência, além de pesquisas tecnológicas (veja, a propósito, relatório Crea-RJ, divulgado no final de setembro, sobre o derrame de óleo na baía de Guanabara pela Petrobras, na página 39).

Ao falar de Gestão Ambiental e Ecoeficiência, Cortez apontou que é preciso "obsessão em gerenciar os riscos ambientais, reconhecendo os pontos vulneráveis do processo e reagindo com eficácia às crises". O compromisso ambiental não pode ser apenas uma decisão da direção da empresa ou indústria, imposta através dos sistemas operacionais. Deve ser uma atitude consolidada em toda a organização, orientou.

É nesse ponto que o consultor ressalta a importância da ecoeficiência, filosofia de gestão que visa a "produzir mais com menos", reduzindo poluição, resíduos, lixo, usando apenas a energia necessária, diminuindo os impactos ambientais e modificando os processos de produção com a utilização adequada de recursos. "A ecoeficiência é uma atitude que tem de ser válida para todos numa organização, desde o porteiro até o presidente", frisou. Segundo ele, não adianta a empresa ter um discurso ecoeficiente, se produzir um relatório de atividades com aplicação de verniz, substância tóxica que inviabiliza a reciclagem do papel utilizado no documento.

Além disso, lembrou Cortez, uma empresa responsável socialmente precisa ter consciência integral do ciclo de vida de um produto: desde sua criação, passando pelo planejamento, produção, distribuição, consumo, até o seu descarte. "Isso é ecoeficiência", definiu.

Rui Fonseca, da Petrobras, ressaltou que após o vazamento de 1,3 milhão de litros de óleo na baía de Guanabara, em janeiro deste ano, a empresa passou a encarar a gestão ambiental como algo integrado à saúde e à segurança. "O acidente trouxe reflexos para todos nós na empresa", reconheceu. Uma das principais ações, segundo Fonseca, foi a criação do Programa de Excelência em Gestão Ambiental e Segurança Operacional (Pegaso).

Já o vazamento de óleo em Araucária levou a Petrobras a aprovar um para criação de nove Centros de Resposta a Emergências no Brasil. O primeiro foi criado em setembro, no município fluminense de Duque de Caxias, onde ocorreu o acidente de janeiro. Os outros centros serão em Manaus, São Luís, Natal, Salvador, Macaé, São Sebastião, Itajaí e um no Centro-Oeste.

### **Envolver a comunidade**

A questão ambiental deve ser praticada segundo uma visão holística, disse Iukio Ogawa, da Eletronuclear. O gerente de Gestão Ambiental da estatal de energia nuclear disse que a empresa está investindo R\$5 milhões este ano em educação ambiental, principalmente nas áreas próximas às usinas Angra I e II. A Eletronuclear tem feito convênios com as prefeituras de Angra dos Reis e de Parati (no sul-fluminense), com o governo do Rio, colégios, ONGs e universidades do estado. "A educação ambiental é um dos meios que temos utilizado para atingir este objetivo", ressaltou Ogawa.

Dentre as ações que fazem parte dessa política da Eletronuclear, destacam-se a criação do Centro de Estudos Ambientais de Angra dos Reis; o Projeto Cinturão Verde de Angra dos Reis, para recuperação ambiental de áreas que estiverem sendo ocupadas fora da zona urbana delimitada; e o Programa de Apoio à Qualidade de Vida Indígena, de ajuda a grupos guaranis em Bracuí (em Angra, com 400 indivíduos) e da aldeia Araponga (em Parati, com 120 índios).

A companhia assinou convênio com a Fundação Nacional do Índio (Funai) para fornecimento de infra-estrutura básica, assim como saúde e educação. "Queremos que os indígenas retornem com seus valores culturais e também inseri-los na sociedade local", frisou Iukio Ogawa, ao lembrar que a empresa criou uma cartilha em guarani sobre o funcionamento das usinas nucleares e como proceder em caso de evasão da área.

Ogawa também ressaltou que a Eletronuclear fez convênios com a prefeitura de Parati para projeção e valorização da pesca artesanal de forma sustentada. "Estamos fazendo parceria com o Ibama para desenvolver

estações ecológicas na região", complementou.

"Se não plantarmos árvores, não teremos água", sentenciou, por sua vez, João Batista Silva, gerente de Operações do ONS. A instituição prepara um amplo levantamento dos reservatórios existentes no subsolo brasileiro, em conjunto com a Agência Nacional de Águas (ANA), para planejar a utilização sustentável desse recurso.

volta

up

▶ Aproveite nossas promoções de assinaturas. [Clique aqui](#) para assinar.

Copyright Editora Terceiro Milênio©. Todos os direitos reservados.